"O QUE diabos é isso?"

"É um cantil, obrigada." A alça atravessada no ombro dava a ela um ar meio infantil.

Logo do lado de fora do portão da minha casa, encontrei uma colega de dezoito anos equipada como se fosse fazer trilha. Quando tentei sair, ela me agarrou com tudo — e a combinação da vantagem do tamanho dela com o elemento surpresa fez com que nós duas batêssemos direto em uma pilastra.

"Caramba!"

"Meu nome é Nagafuji, obrigada."

Eu não perguntei, obrigada! Além disso, era o mesmo cantil que ela usava nas excursões da escola primária, então foi uma baita viagem no tempo. Mas enfim. "Você veio pra passar o tempo ou vai fazer trilha?"

"Trilha, obrigada."

"Então continua andando!"

Tudo o que eu queria era dar uma volta, e olha só no que deu. Eu esbarrava com ela no portão com tanta frequência que já estava achando que ela acampava ali. Talvez fosse justamente a presença dela que me motivava a sair de casa.

"Aff, tanto faz. Tá bom, vamos logo! Sai de cima de mim!" Pressionei a mão na testa dela e a desgrudei da minha cintura. Agora acompanhada, retornei até a porta da frente.

Só então ela tirou os óculos, como se só naquele instante tivesse se lembrado deles — e o ângulo agudo do meu pescoço ao olhar para cima me informou que ela tinha crescido de novo. Enquanto eu ponderava se não teria encolhido, entramos em casa e eu tirei os sapatos que tinha acabado de calçar. Depois de colocá-los de volta na sapateira, Nagafuji fez o mesmo com os dela.

"Encontrei o cantil escondido no fundo do armário da cozinha e isso me deu vontade de fazer trilha", ela explicou de forma sucinta. O que ela estava fazendo fuçando na cozinha? "Mas eu poderia morrer de desidratação se fosse longe demais, então decidi que meu destino seria sua casa, Hino."

"Você só queria uma desculpa pra vir aqui, né?"

"Sim, obrigada."

"...Hm." Nem toda a minha força era suficiente para fazer ela se mover.

"Uau, isso foi rápido!" Enome-san virou para me olhar enquanto espanava uma estante no meio de um corredor desnecessariamente longo. Então ela viu Nagafuji e esboçou um leve sorriso. "Bem-vinda."

"Chegueeeeei!"

"Ela disse que quer almoçar no quintal."

"Entendo", respondeu Enome-san, se endireitando sem nem piscar. Pelo visto, ela já estava acostumada com as esquisitices da Nagafuji. "Nesse caso, vou buscar uma toalha de piquenique."

"Desculpa o incômodo."

"Já estou acostumada," ela respondeu distraidamente, começando a se afastar. Mas então teve uma ideia e se virou para perguntar: "Você vai dormir aqui hoje?"

"Hmmm... Se eu for, aí vira mais uma aventura noturna do que uma trilha," refletiu Nagafuji.

"Então não durma aqui hoje."

"Mas eu gosto de fazer os dois igualmente, então acho que vou sim."

Você já tinha planejado isso desde o começo e sabe disso, pensei, olhando para aquela mochila de trilheiro gigante. Sentindo o calor residual do verão na nuca, suspirei em derrota.

"Então vou fazer os preparativos necessários. Um momento, por favor."

"Você não precisa fazer nada especial pra ela. Sério mesmo."

Me senti mal por interromper o trabalho da Enome-san por causa dessa cabeçuda. Quando levantei as tetas dela, ela me deu um tapinha na cabeça. E então percebi, com um leve atraso: talvez fosse por causa de tanto tapinha que eu estivesse encolhendo.

"Uuuum momeeeento," anunciou Nagafuji, feito um relógio cuco.

E como de fato já tinha se passado um momento, decidimos ir até o quintal.

"Ooooh, que artístico..."

Ao lado do grande lago havia um traço vermelho, como se alguém tivesse passado um pincel por cima. Eu não me importava com a toalha, mas será que ela não podia ter arranjado algo mais apropriado do que um guarda-sol de praia para bloquear o sol? E para piorar, era temático de melancia. Por outro lado, eu mesma tinha dito que não precisava fazer nada especial.

“Muito elegante.”

“É mesmo?”

Sentamos lado a lado sob o guarda-sol. Como era temático de melancia, naturalmente, a luz que passava por ele era rosada. Uma Nagafuji visivelmente com sabor de melancia colocou a mochila e o cantil no chão, esticou as pernas e sorriu. “Você se ajoelha bastante, né, Hino?”

“Hã? Ah… é, acho que sim.”

Ela sorriu, olhando para as minhas pernas que dobraram por reflexo.

“O quê?” Fiz cara feia.

“Eu gosto delas.”

“Bom pra você.”

Eu já tinha desenvolvido certa habilidade em cortar as divagações dela no meio. Não que eu entendesse alguma coisa do que ela falava, de qualquer forma.

Atrás da gente, dava para ouvir o canto das cigarras escondidas nas árvores do quintal. O calor que atravessava a barreira do guarda-sol começava a beliscar minha pele, e o cheiro de musgo do lago parecia estar assando sob o sol.

“Vamos comer logo e voltar pra dentro.”

“Não, a gente devia ficar e aproveitar esse piquenique maravilhoso que a Enome-san preparou pra gente!”

“Suas prioridades são completamente invertidas, só pra constar.”

Diante da minha insistência, ela pegou de má vontade uma marmita da mochila. Dentro tinha *udon* frito, provavelmente feito pela mãe dela.

“Ela só jogou um monte de sobra aí dentro e deu por encerrado?”

“Jogada de mestre, mamãe.”

Além da marmita, vi outro potinho dentro da bolsa, então, enquanto ela estava ocupada comendo as cebolas do *udon*, eu a peguei. Havia um peixinho dourado pintado na tampa — *chique*, pensei, enquanto abria. Dentro… um monte de gomos de mexerica em calda. O doce aroma cítrico subiu e fez cócegas no meu nariz.

Era algo que ela sempre trazia quando a gente ia em excursão. Mas em algum momento da escola primária… não lembro em que série estávamos… ela perdeu o potinho do peixinho durante uma dessas saídas. Foi a primeira vez que vi ela ficar visivelmente triste com alguma coisa. Então procurei por um igualzinho, comprei, e dei de presente de aniversário para ela mais tarde naquele mesmo ano. Ela ficou radiante e, em troca, ela…

Bem, não precisamos entrar nesse detalhe. De qualquer forma, não era exatamente velho… ou era?

“…Acho que faz muito tempo…”

Muito da nossa amizade parecia ter acontecido ontem, mas eu simplesmente me anestesiei com a passagem do tempo. O fundamental… antes disso, o dia em que nos conhecemos… depois o ensino médio… tudo isso agora era passado distante. Esse era o nosso décimo oitavo verão, e não dava para saber quantos mais viriam pela frente.

Até hoje, eu ainda era uma garota rica com um quintalzão e uma melhor amiga cheia de espírito livre. Eu não precisava de nada e não podia pedir por mais. A

felicidade nasceu ao meu lado, sem que eu precisasse defini-la ou sair por aí procurando. Minha vida era no modo fácil. Em silêncio, eu sofria um pouco por isso… mas quando ela estava comigo, tudo parecia certo. Eu estava satisfeita com as coisas exatamente do jeito que estavam, por toda a eternidade. Ela bastava.

“Os pensamentos precoces da jovem e querida Hino.”

“Não leia minha mente.”

Eu sabia que não era realmente possível, mas mesmo assim balancei a cabeça.

Já estávamos próximas o suficiente para ler as entrelinhas uma da outra.